RESUMO
A arte de contar histórias constitui uma prática milenar profundamente enraizada nas tradições culturais da humanidade, sendo, desde os tempos mais remotos, um instrumento de transmissão de valores, saberes e experiências. Quando inserida no contexto da educação infantil, essa prática adquire uma dimensão educativa significativa, que transcende o entretenimento e se configura como um recurso pedagógico potente. Este artigo propõe uma análise aprofundada da contação de histórias como ferramenta formativa, investigando seus efeitos sobre o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Através de uma abordagem teórico-reflexiva, são examinados os fundamentos históricos da narrativa oral, suas metodologias possíveis em sala de aula, bem como os vínculos afetivos que se estabelecem entre narrador e ouvinte nesse processo. Considerando a criança como sujeito ativo da aprendizagem, discute-se como a escuta e a participação em experiências narrativas contribuem para a construção da linguagem, do pensamento simbólico, da empatia e da imaginação. A contação de histórias é compreendida, neste estudo, como uma ponte entre o mundo do imaginário e o universo do conhecimento sistematizado, oferecendo à criança a oportunidade de articular fantasia e realidade em uma perspectiva lúdico-formativa. Ao final, são apresentadas estratégias pedagógicas que visam potencializar essa prática no cotidiano escolar, com ênfase na intencionalidade educativa do professor, na seleção adequada de narrativas e na necessidade de uma formação docente que contemple o domínio dessa arte, respeitando o contexto sociocultural das infâncias.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário; Contação de histórias; Educação Infantil.

ABSTRACT
The art of storytelling is an ancient practice deeply rooted in the cultural traditions of humanity, and has been an instrument for transmitting values, knowledge and experiences since ancient times. When inserted into the context of early childhood education, this practice acquires a significant educational dimension that transcends entertainment and becomes a powerful pedagogical resource. This article proposes an in-depth analysis of storytelling as a formative tool, investigating its effects on the cognitive, emotional and social development of children. Through a theoretical-reflective approach, the historical foundations of oral narrative, its possible methodologies in the classroom, as well as the emotional bonds that are established between narrator and listener in this process are examined. Considering the child as an active subject of learning, the article discusses how listening and participation in narrative experiences contribute to the construction of language, symbolic thought, empathy and imagination. Storytelling is understood in this study as a bridge between the world of imagination and the universe of systematized knowledge, offering children the opportunity to articulate fantasy and reality in a playful and formative perspective. Finally, pedagogical strategies are presented that aim to enhance this practice in the daily school routine, with an emphasis on the educational intentionality of the teacher, the appropriate selection of narratives and the need for teacher training that contemplates the mastery of this art, respecting the sociocultural context of childhood.

KEY-WORDS: Literary literacy; Storytelling; Early Childhood Education.

INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma prática presente na história desde os seus primórdios. Ao longo dos séculos, a oralidade serviu como principal meio de comunicação e transmissão de conhecimentos, valores morais e tradições culturais entre gerações. No contexto contemporâneo da educação infantil, essa prática adquire novos contornos, sendo reconhecida não apenas como forma de entretenimento, mas como um recurso peda-

gógico relevante para o desenvolvimento integral da criança. Ao contar histórias, o educador proporciona à criança experiências simbólicas que a ajudam a compreender o mundo, interpretar emoções e construir sentido para as vivências do cotidiano.

A literatura especializada destaca que a escuta atenta de narrativas, sobretudo na primeira infância, favorece o desenvolvimento da linguagem oral, estimula a criatividade e amplia o vocabulário, contribuindo de forma significativa para o processo de alfabetização e letramento (ZILBERMAN, 2003, p. 49). Além disso, o momento da contação configura-se como um espaço de convivência afetiva, onde a relação entre adulto e criança é mediada pela fantasia, pelas emoções e pelo encantamento das palavras. Nesse ambiente simbólico, a criança é convidada a participar de um universo onde o impossível se torna possível, o que lhe permite experimentar diferentes papéis, resolver conflitos internos e construir aprendizagens de forma significativa (BETTELHEIM, 2004, p. 22).

No campo pedagógico, a arte de contar histórias demanda uma abordagem planejada e intencional por parte do educador, que deve selecionar conteúdos adequados à faixa etária, articular narrativas ao projeto pedagógico e integrar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual e musical – na construção das experiências narrativas. A contação de histórias, portanto, não se reduz a uma atividade lúdica ou acessória; ela exige preparação técnica, sensibilidade e compreensão das dimensões formativas que estão em jogo nesse processo (ABRAMOVICH, 1997, p. 25). Quando bem conduzida, ela promove aprendizagens significativas nas esferas cognitiva, emocional e social, além de favorecer o desenvolvimento da empatia e da imaginação.

Este artigo tem como objetivo investigar a contação de histórias como prática educativa na educação infantil, analisando seus impactos sobre o desenvolvimento integral da criança. Para tanto, o texto se estrutura em cinco eixos temáticos: o primeiro aborda os fundamentos históricos e culturais da narrativa oral; o segundo discute a importância da contação no cotidiano escolar; o terceiro analisa os impactos da prática narrativa nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança; o quarto apresenta estratégias pedagógicas que potencializam essa prática na educação infantil; e o quinto trata da formação docente como elemento essencial para que o educador atue com intencionalidade e competência nessa área.

Acredita-se que, ao compreender a contação de histórias como uma prática pedagógica integrada ao projeto educativo da escola, é possível ressignificar o papel da oralidade e da literatura na infância. Ao proporcionar vivências narrativas significativas, a educação infantil reafirma seu compromisso com a formação de sujeitos sensíveis, críticos e criativos, capazes de ler o mundo e transformá-lo. O estudo propõe, assim, uma reflexão sobre a potência educativa das histórias, considerando o contexto sociocultural das crianças e o papel do educador como mediador desse processo simbólico.

ORIGENS E FUNDAMENTOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CULTURA HUMANA

A prática de contar histórias antecede a escrita e está entre as mais antigas formas de expressão humana. Desde os tempos pré-históricos, os indivíduos recorriam à oralidade para partilhar conhecimentos, perpetuar memórias e transmitir valores morais e sociais aos membros de sua comunidade. Em tribos e povos antigos, os contadores de histórias – muitas vezes xamãs, anciãos ou líderes espirituais – detinham a função de preservar a identidade coletiva por meio da narrativa oral. Essa função educativa primitiva revela que, muito antes de existir uma instituição escolar formalizada, a palavra falada já cumpria um papel essencial no processo de formação de sujeitos e na construção de sentidos compartilhados (CAMPOS, 2014, p. 18).

Com o advento da escrita, a função da oralidade não desapareceu, mas foi ressignificada. A tradição dos contadores continuou viva, especialmente nas culturas populares, onde lendas, mitos e fábulas eram passados de geração em geração como forma de manter viva a memória dos povos. Na Idade Média, por exemplo, os trovadores e me-

nestréis percorriam vilas e castelos levando suas narrativas cantadas e faladas, encantando crianças e adultos com enredos que misturavam fantasia, ensinamentos e crítica social. Essa prática, embora informal, era uma importante ferramenta de educação moral e cultural. Portanto, mesmo em sociedades com sistemas letrados, a contação de histórias permaneceu como uma forma legítima de aprendizagem e de preservação da identidade cultural.

Na contemporaneidade, estudiosos como Walter Benjamin (1994) chamam atenção para a perda do valor da experiência compartilhada nas sociedades modernas, marcadas pela pressa, pelo consumo e pela fragmentação das relações. Para Benjamin, o contador de histórias ocupa um lugar de resistência simbólica: ele é aquele que compartilha experiências de forma sensível e reflexiva, resgatando a escuta como forma de aprendizado e reconstrução do humano. Nesse sentido, a contação de histórias, quando resgatada na escola, pode cumprir o papel de restaurar os vínculos comunitários, de promover a escuta ativa e de fortalecer a dimensão subjetiva da formação da criança.

Do ponto de vista da pedagogia, a narrativa oral passou a ser estudada como um instrumento formador por pensadores como Vygotsky, que enfatizou o papel das interações sociais e da linguagem no desenvolvimento do pensamento infantil. Para ele, as histórias contadas não apenas encantam, mas estruturam o pensamento simbólico, favorecem a internalização de conceitos e permitem à criança construir significados a partir da mediação do adulto (VYGOTSKY, 1998, p. 120). Dessa forma, a contação de histórias deixa de ser uma prática intuitiva para se consolidar como estratégia didática intencional e fundamentada.

Além dos fundamentos teóricos, é necessário compreender que a prática de narrar histórias envolve uma dimensão estética que conecta a criança ao universo do sensível. O ritmo da fala, as entonações, os gestos e as expressões faciais do contador são elementos que ampliam a expressividade da linguagem oral e criam uma experiência estética rica. A escuta da narrativa ativa a imaginação infantil, fazendo com que o ouvinte construa mentalmente as cenas, personagens e cenários, mobilizando suas capacidades criativas e cognitivas (ABRAMOVICH, 1997, p. 32). Isso mostra que a narrativa oral é uma experiência estética, cultural e formativa que ultrapassa os limites da leitura formal.

Ao olhar para a história da contação de histórias e suas múltiplas funções – religiosas, sociais, morais, artísticas e educativas – percebe-se a amplitude dessa prática como elemento estruturante da experiência humana. Trazê-la para o cotidiano escolar é, portanto, reconhecer sua potência pedagógica, sua riqueza cultural e seu valor como instrumento de humanização. Ao dar espaço à escuta e à oralidade nas práticas pedagógicas, o educador contribui para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e imaginativos, capazes de compreender o mundo não apenas por meio da razão, mas também pela via da sensibilidade e da narrativa.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A presença da contação de histórias na rotina da educação infantil não deve ser vista como um momento isolado de descontração ou de preenchimento de tempo. Pelo contrário, trata-se de uma atividade rica em significados, que precisa estar integrada ao projeto pedagógico da escola e articulada às intencionalidades educativas do professor. Ao organizar situações de escuta e interação com narrativas, o educador promove experiências de linguagem que ampliam o repertório linguístico das crianças e contribuem para a formação de leitores críticos e sensíveis desde os primeiros anos de vida escolar (SOARES, 2018, p. 48). Assim, a prática narrativa se torna uma das formas mais potentes de mediação cultural e formação leitora no ambiente escolar.

> Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com jeito de escrever do autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento. (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

No cotidiano da sala de aula, contar histórias pode assumir diferentes formatos e estratégias: desde a leitura em voz alta de livros

ilustrados até a dramatização oral espontânea de contos populares. A diversidade de gêneros, estilos e temáticas possibilita que as crianças entrem em contato com múltiplas linguagens e modos de narrar, o que contribui para a valorização da diversidade cultural e para a construção de identidades plurais. A escuta coletiva das histórias também promove a socialização entre os pares, criando um espaço de escuta mútua e respeito às diferentes formas de pensar e imaginar. Desse modo, a contação de histórias não apenas ensina conteúdos, mas também promove convivência, cooperação e acolhimento no ambiente escolar.

Para que a contação de histórias seja significativa no cotidiano da educação infantil, é fundamental que o professor compreenda a especificidade dessa prática. Isso implica, por exemplo, selecionar textos adequados à faixa etária e ao nível de compreensão das crianças, observar o contexto sociocultural da turma e criar um ambiente propício à escuta. É necessário considerar também o tempo e o espaço da narrativa: a escuta atenta exige concentração, o que só é possível em um ambiente acolhedor, sem pressa e sem ruídos excessivos. A ambientação – com almofadas, tapetes, música suave ou iluminação especial – pode potencializar o encantamento e transformar a sala de aula em um espaço simbólico que convida à imaginação (CORSINO, 2011, p. 62).

A prática da contação também deve dialogar com outras áreas do conhecimento e com os eixos estruturantes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como linguagem, corpo, arte, natureza e sociedade. Uma história pode, por exemplo, desencadear projetos interdisciplinares envolvendo artes visuais, música, ciências naturais e matemática. Ao escutar uma narrativa sobre animais, por exemplo, a criança pode ser instigada a pesquisar sobre seus hábitos, classificações e habitats. Dessa maneira, a contação se transforma em ponto de partida para projetos mais amplos, com protagonismo das crianças e articulação com os campos de experiência propostos pela BNCC (BRASIL, 2017).

A contação de histórias no cotidiano da educação infantil é, portanto, muito mais que um momento de lazer ou de transição entre atividades. Ela representa uma oportunidade concreta de ampliar os horizontes culturais das crianças, estimular sua sensibilidade estética e consolidar a função social da escola como espaço de formação humana. Quando planejada com intencionalidade e conduzida com sensibilidade, essa prática pode se tornar um dos pilares da ação pedagógica, contribuindo para que as crianças se desenvolvam integralmente e se reconheçam como sujeitos capazes de narrar, escutar e transformar suas próprias histórias.

IMPACTOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A contação de histórias exerce um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo das crianças, especialmente na fase da educação infantil, quando o pensamento simbólico começa a se consolidar. Ao ouvir narrativas, a criança ativa processos mentais complexos, como a atenção, a memória, a antecipação de eventos e a elaboração de inferências. Esse exercício constante contribui para o aprimoramento das funções executivas e da capacidade de organizar mentalmente sequências lógicas e temporais. Conforme aponta Jean Piaget, o contato com enredos bem estruturados permite à criança desenvolver noções de causalidade e de relação entre acontecimentos, aspectos fundamentais na construção do raciocínio lógico (PIAGET, 1998, p. 87).

Além do aspecto cognitivo, a contação de histórias também favorece intensamente o desenvolvimento emocional das crianças. Ao se identificar com os personagens e com as situações narradas, a criança é levada a vivenciar emoções diversas – medo, alegria, tristeza, surpresa – em um ambiente seguro e simbólico. Essa vivência emocional contribui para que ela reconheça e nomeie seus próprios sentimentos, além de aprender a lidar com conflitos internos e externos de maneira mais equilibrada. Bruno Bettelheim (2004, p. 25) destaca que os contos de fadas, por exemplo, cumprem uma função terapêutica, permitindo à criança projetar seus medos e desejos nas figuras simbólicas da narrativa, como monstros, bruxas, heróis e

fadas.

Outro aspecto essencial é o desenvolvimento da empatia. Ao escutar histórias de personagens com diferentes origens, características e trajetórias, a criança é convidada a colocar-se no lugar do outro, exercitando a compreensão e o respeito pela diversidade humana. Essa habilidade socioemocional é cada vez mais valorizada no contexto educacional contemporâneo, pois contribui para a formação de sujeitos éticos, colaborativos e conscientes do papel do outro em sua vida. A narrativa, nesse sentido, é uma forma potente de educar para a convivência, para a solidariedade e para a justiça social (NOGUEIRA, 2019, p. 77).

No campo da linguagem, os benefícios da contação de histórias são amplamente reconhecidos. A exposição frequente à linguagem oral estruturada amplia o vocabulário, estimula a formação de frases complexas e enriquece a compreensão textual. A escuta atenta de histórias também prepara o terreno para a aprendizagem da leitura e da escrita, pois desenvolve habilidades como a consciência fonológica, a compreensão de estruturas narrativas e a familiaridade com diferentes gêneros textuais. Emilia Ferreiro (2001, p. 13) ressalta que o contato com textos orais e escritos, desde cedo, é essencial para que a criança compreenda a natureza do código escrito e avance em sua hipótese de escrita.

Além disso, a contação de histórias promove o desenvolvimento da criatividade e da imaginação, que são capacidades fundamentais não apenas para a expressão artística, mas também para a resolução de problemas e para o pensamento crítico. A criança que ouve histórias é convidada a construir mentalmente cenários, imaginar desfechos alternativos e criar vínculos subjetivos com os personagens. Esse exercício de imaginação ativa, segundo Lev Vygotsky (1998, p. 102), é indispensável para a formação de sujeitos autônomos e criativos, capazes de projetar o futuro e inventar soluções para os desafios do presente.

É preciso destacar que o impacto da contação de histórias no desenvolvimento infantil depende diretamente da qualidade da mediação realizada pelo adulto. A forma como o educador narra, o tom de voz, os gestos e o envolvimento emocional durante a contação influenciam diretamente a atenção e o engajamento das crianças. Uma história contada com sensibilidade pode marcar profundamente a trajetória de uma criança, contribuindo não apenas para seu desenvolvimento intelectual, mas também para a formação de sua sensibilidade, de sua autoestima e de seu repertório cultural. Assim, a narrativa oral, quando praticada com intencionalidade pedagógica, torna-se uma ferramenta educativa transformadora.

O PAPEL DO EDUCADOR COMO MEDIADOR DA NARRATIVA

O educador ocupa uma posição central no processo de contação de histórias na educação infantil, atuando como mediador entre o texto narrado e a experiência vivida pela criança. Sua função vai além da simples leitura ou reprodução de uma narrativa; ele precisa envolver-se emocionalmente com o conteúdo, compreender o universo simbólico dos alunos e estabelecer conexões significativas entre a história e o cotidiano escolar. É nesse movimento de escuta e diálogo que a contação adquire valor formativo, pois permite ao educador atuar como alguém que traduz e ressignifica as experiências narradas à luz do contexto cultural, social e afetivo dos ouvintes (ROJO, 2006, p. 93).

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 04).

Ser um bom contador de histórias exige do professor competências específicas, que envolvem tanto habilidades técnicas quanto sensibilidade pedagógica. No plano técnico, é necessário dominar a linguagem oral, ter domínio do texto narrado, variar a entonação, articular expressões faciais e gestos e

explorar recursos visuais e sonoros. Esses elementos tornam a contação mais atrativa, estimulam a atenção e favorecem a compreensão da narrativa. No plano pedagógico, é imprescindível que o educador compreenda os objetivos da história no processo de aprendizagem: o que se pretende desenvolver com aquela narrativa? Quais aspectos cognitivos, linguísticos, emocionais ou sociais ela pode mobilizar? Essas perguntas orientam a prática docente e conferem intencionalidade à atividade (CAMPOS, 2014, p. 41).

Além disso, o educador precisa estar atento ao diálogo entre a história e o contexto de vida das crianças. Ao escolher uma narrativa, deve considerar não apenas sua adequação à faixa etária, mas também sua relevância cultural, seu potencial simbólico e sua capacidade de gerar identificação. Histórias que tratam de temas como medo, amizade, perdas, diversidade ou superação, por exemplo, podem abrir espaços para conversas significativas e fortalecer os vínculos entre professor e alunos. A escuta da história, nesse sentido, torna-se também escuta da criança e de seus sentimentos, transformando a contação em um espaço de acolhimento e construção de vínculos afetivos (ABRAMOVICH, 1997, p. 55).

Outro aspecto relevante diz respeito à formação continuada do educador. Nem todos os professores tiveram, em sua formação inicial, oportunidades de explorar a contação de histórias como recurso pedagógico. Muitos não se sentem seguros ou preparados para essa prática, o que pode limitar sua atuação na sala de aula. Por isso, é fundamental que os programas de formação docente ofereçam espaços de vivência, reflexão e experimentação da narrativa oral, valorizando o repertório cultural dos professores e incentivando a construção de uma postura autoral e expressiva. Oficinas de contação, rodas de leitura e trocas de experiências entre pares são estratégias que fortalecem a prática e contribuem para sua continuidade no cotidiano escolar (MORAES, 2013, p. 29).

É importante destacar que a mediação do educador não se encerra no momento da contação. Ela se estende ao diálogo posterior, às atividades de recontagem, dramatização, desenho ou escrita inspiradas na narrativa. Essas práticas ampliam a experiência da escuta e permitem que a criança ressignifique a história a partir de sua própria vivência. Ao proporcionar esses desdobramentos, o professor contribui para que a narrativa ganhe novas camadas de significado e se torne parte da memória afetiva e cognitiva dos alunos. Assim, o papel do educador vai além de narrador: ele é criador de sentidos, facilitador de aprendizagens e promotor de encontros entre a palavra, a emoção e o conhecimento.

ESTRATÉGIAS PARA POTENCIALIZAR A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA DOCENTE

Para que a contação de histórias alcance todo o seu potencial educativo, é necessário que o professor utilize estratégias bem planejadas e variadas, respeitando o tempo de atenção das crianças, seus interesses e as particularidades do grupo. Uma das estratégias mais eficazes é a escolha criteriosa das obras literárias, considerando tanto a qualidade estética do texto quanto seu potencial pedagógico. Obras com linguagem poética, enredos envolventes e ilustrações expressivas tendem a provocar mais interesse e engajamento. Como defende Zilberman (2003, p. 66), a literatura infantil precisa ser tratada com a mesma seriedade dedicada à literatura adulta, valorizando-se a dimensão artística do texto e sua capacidade de tocar o imaginário infantil.

Outra estratégia importante é a utilização de recursos complementares à narrativa oral. Objetos simbólicos, fantoches, livros de pano, cenários, trilhas sonoras e projeções visuais podem enriquecer a experiência da contação e dialogar com diferentes estilos de aprendizagem. Esses recursos devem, no entanto, ser usados com intencionalidade e sem excessos, para não desviar a atenção da história em si. O objetivo é ampliar os sentidos da narrativa, criar atmosferas envolventes e oferecer estímulos que favoreçam a compreensão, sem infantilizar ou tornar artificial a experiência. Como destaca Silva (2014, p. 48), o contador precisa equilibrar expressividade e contenção, evitando que o excesso de estímulos dilua a potência da palavra falada.

A interação com as crianças durante e após a contação também é uma estratégia que

potencializa a aprendizagem. Ao abrir espaço para que os alunos façam perguntas, comentem a história, expressem suas emoções ou compartilhem experiências semelhantes, o professor transforma a narrativa em um diálogo vivo, em que todos têm voz. Essas conversas ajudam a desenvolver a oralidade, o pensamento crítico e a empatia, além de estreitarem os laços entre os membros do grupo. A escuta ativa, nesse contexto, é tão importante quanto a narração, pois mostra à criança que sua palavra tem valor e que suas interpretações são legítimas.

O desdobramento da história em atividades práticas é outra forma eficaz de consolidar os aprendizados e estimular a criatividade. As crianças podem recontar a história com suas próprias palavras, dramatizá-la, produzir desenhos, criar novos finais ou escrever pequenas sequências narrativas. Essas atividades permitem que a narrativa saia do campo da escuta passiva e seja apropriada ativamente pelos alunos, que passam a ser também autores de suas próprias versões. De acordo com Vygotsky (1998, p. 104), o brincar simbólico e a recriação narrativa são formas de internalização do conhecimento e de expressão do pensamento infantil.

A continuidade da prática ao longo do ano letivo é também uma estratégia pedagógica relevante. A contação de histórias deve estar presente de maneira constante, não como um evento esporádico, mas como parte integrante da rotina da turma. Quando a criança se habitua à escuta de histórias, ela desenvolve gradativamente a capacidade de concentração, amplia seu repertório de linguagem e constrói uma relação afetiva com os livros e com o ato de ouvir. A repetição de histórias também tem valor: ouvir uma mesma narrativa várias vezes permite à criança antecipar eventos, compreender melhor o enredo e aprofundar-se nos sentimentos que a história evoca (ABRAMOVICH, 1997, p. 24).

Por fim, é necessário considerar o contexto sociocultural dos alunos ao planejar a contação de histórias. Narrativas que dialoguem com o universo da comunidade, com suas tradições orais, mitos, lendas e histórias de vida, fortalecem o sentimento de pertencimento e valorizam a cultura local. O professor pode convidar familiares, contadores populares ou pessoas da comunidade para compartilhar suas histórias, promovendo a escuta intergeracional e a valorização da memória coletiva. Essa estratégia amplia o repertório narrativo das crianças e estabelece pontes entre a escola e o mundo exterior, tornando a prática de contar histórias uma verdadeira construção cultural compartilhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte de contar histórias na educação infantil, como evidenciado ao longo deste artigo, constitui-se como uma prática educativa rica, plural e profundamente significativa. Seu poder formativo reside na capacidade de unir afetividade, imaginação e conhecimento em um só ato pedagógico, possibilitando à criança experienciar o mundo simbólico de forma lúdica, crítica e sensível. Ao escutar narrativas bem conduzidas, a criança amplia seu repertório linguístico, desenvolve suas emoções, fortalece vínculos sociais e constrói sentidos para o que vive e observa. Trata-se de uma prática que vai além do entretenimento, funcionando como uma poderosa ferramenta de formação integral.

Compreender a contação de histórias como ato educativo exige do professor uma postura consciente, sensível e intencional. Não se trata de narrar por narrar, mas de selecionar histórias que dialoguem com a realidade dos alunos, que provoquem reflexões e que favoreçam aprendizagens significativas. O educador, como mediador da palavra, precisa estar atento ao tempo da criança, à escuta atenta, à afetividade do grupo e ao potencial transformador que cada narrativa carrega. É nesse encontro entre a arte e a pedagogia que a prática da contação ganha densidade e se consolida como parte essencial do currículo na educação infantil.

É importante reforçar, ainda, que a contação de histórias precisa ser valorizada institucionalmente. Isso implica investir na formação continuada dos professores, oferecer materiais de qualidade, incluir a prática no planejamento pedagógico e reconhecer a oralidade como linguagem legítima de expressão e aprendizagem. A escola que compreende o valor da narrativa cria espaços de escuta, imaginação e diálogo, contribuindo não ape-

nas para o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também para a construção de sua identidade cultural e emocional.

Diante disso, é possível afirmar que contar histórias na educação infantil é um gesto de cuidado, de escuta e de compromisso com a infância. É por meio das palavras compartilhadas que a criança constrói pontes entre o real e o imaginado, entre o eu e o outro, entre o mundo concreto e os horizontes possíveis. Investir nessa prática é, portanto, investir na formação de sujeitos sensíveis, criativos, críticos e conectados com o universo cultural que os cerca.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 15. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em 05 mai. de 2025.

CAMPOS, Regina Leite. Contar histórias: um exercício para muitas vozes. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORSINO, Sérgio. A educação infantil no Brasil: história e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emilia. A escrita na perspectiva dos direitos da criança. São Paulo: Editora Artmed, 2001.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. Contar histórias é preciso: a arte de encantar com a palavra. São Paulo: Paulinas, 2013.

NOGUEIRA, Maria. A prática pedagógica na educação infantil: teorias e experiências. Campinas: Editora Papirus, 2019.

PIAGET, Jean. A linguagem e o pensamento da criança. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1998.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Cultura, arte e contação de histórias. Goiânia: Atlas, 2005.

ROJO, Roxane. Letramento e desenvolvimento. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. Campinas: Leitura Crítica, 2015.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica Editora, 2018.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.